



ESSE LUGAR NÃO É PARA MIM - SOFRIMENTO SUBJETIVO NA TRAJETÓRIA DE UMA ESTUDANTE UNIVERSITÁRIA

Simone Monteiro Ribeiro
Unimontes
simone.ribeiro@unimontes.br
Eixo: Educação e Diversidade

Introdução

Pesquisas sobre o cenário das universidades públicas brasileiras nos últimos anos nomeiam de grave crise o que identificam como um crescente sofrimento mental nas várias esferas da comunidade acadêmica (Carvalho et al, 2020; Leão, Ianni e Goto, 2019; Macêdo, 2018; Piva, 2023). Citam a ocorrência de casos de suicídios entre estudantes, professores e técnicos administrativos na última década em diversas universidades brasileiras, como expressão trágica do nível agudo de sofrimentos vivenciados. Apontam que a instituição acadêmica veio representando a si mesma como um ambiente autoimune a partir de onde estuda, analisa, explica e se propõe a tratar o sofrimento mental da sociedade, num olhar lançado para fora. É preciso voltar-se para si mesma, defendem os autores, reconhecendo-se como um dos espaços sociais onde o sofrimento e formas cristalizadoras de desenvolvimento têm sido produzidos com grande intensidade.

A saúde mental do estudante universitário se constitui em fenômeno complexo, multideterminado e historicamente situado, cujo enfrentamento exige a superação de abordagens reducionistas, centradas exclusivamente em indicadores clínicos e nosológicos. A análise da literatura sobre o tema permitiu identificar que estresse, ansiedade, solidão e sentimentos de desamparo emergem como expressões recorrentes de experiências universitárias contemporâneas, especialmente em contextos marcados por intensificação de acirradas exigências acadêmicas, competitividade, incerteza quanto ao futuro profissional, precarização das condições de permanência e aprofundamento das desigualdades sociais.

Este trabalho apresenta resultados de pesquisa de um estudo de caso, que teve o objetivo de analisar os desafios enfrentados por uma estudante universitária negra, de baixa renda, que ingressou na universidade, em um concorrido curso da área da saúde, pelo sistema de cotas.

Referencial teórico

O embasamento da pesquisa é a partir do referencial teórico da Teoria da Subjetividade (TS), alicerçado na Psicologia Histórico-Cultural (González Rey e Mitjáns Martínez, 2017). A escolha desse referencial justifica-se no modo consistente como essa vertente tece articulações entre aspectos culturais, históricos e sociais, em perspectiva dialética, possibilitando compreensão de produções subjetivas de pessoas e grupos, como processos dinâmicos e em movimento.

A TS adota o uso da definição de *sofrimento subjetivo*, que se refere a uma configuração subjetiva dominante, que gera mal-estar no indivíduo, levando ao enfraquecimento de suas possibilidades de ação, reflexão e tomadas de decisão nos diferentes âmbitos da vida (Goulart, 2024). Essa concepção faz oposição a categorias nosológicas fixas ou da denominação de



doença ou transtornos mentais. Ela implica pensar dinamicamente como experiências anteriores, relações e outros espaços sociais estão subjetivamente articulados no momento atual de sofrimento, relacionando histórias e recursos individuais e sociais singulares. O indivíduo ou grupo não é reduzido ou determinado por essa condição, podendo nela mover-se, pela possibilidade de geração de novos sentidos subjetivos nas experiências de vida.

Procedimentos metodológicos

Um dos princípios da Epistemologia Qualitativa, originada da TS, é o diálogo, que pressupõe uma ética centrada no participante da pesquisa, pautando-se na horizontalidade da relação entre pesquisador e participante, com a possibilidade de favorecimento do desenvolvimento subjetivo do outro, pelo seu caráter provocativo de reflexões críticas e posicionamentos criativos (González Rey 2011; González Rey e Mitjans Martínez, 2017; Goulart, 2019; Madeira-Coelho, 2022). O trabalho empírico foi desenvolvido por meio de entrevistas dialógicas, com funcionamento dinâmico e flexível, que transcorreram ao longo de 8 encontros com a participante Bia (nome fictício), estudante de 21 anos, de universidade pública do interior de Minas Gerais.

Análise e discussão dos resultados

Bia, jovem negra, oriunda de família de baixa renda, egressa de escola pública. Ingressou na universidade pelo Sistema de Cotas. Esse acesso foi significado por ela como realização de um projeto pessoal e, simultaneamente, conquista geracional, uma vez que seu irmão foi o primeiro das gerações familiares materna e paterna a acessar a universidade, sendo ela a segunda.

As ambiguidades na relação de Bia com o seu percurso acadêmico estão presentes desde o seu ingresso na universidade, em disputado curso da saúde. Simultaneamente, “lugar sonhado” e também significado como espaço “inalcançável”. Esse “inalcançável” não representa somente uma avaliação individual de dificuldade. Em análise social ampliada, pode ser compreendido como efeito da colonialidade do poder e do saber, que delimita quem pode ocupar legitimamente, pela cultura dominante e normativa, determinados espaços sociais. Como afirma Quijano (2005, p. 117), trata-se de “um padrão de poder que classifica e hierarquiza a população”, destinando privilégios e prejuízos, incluindo uns e excluindo tantos outros. A experiência de Bia é produzida em relação complexa e, a princípio, sem estabelecer relação consciente com o contexto histórico-cultural de sua existência e de sua própria história de vida. Pelas expressões de Bia, interpreta-se a convivência com contradições subjetivas significativas, especialmente relacionadas ao sentimento de não pertencimento à universidade, à percepção de inadequação e à autodepreciação. Constantemente ela se compara aos colegas e diz se sentir “menos capaz” ou acreditar-se “destinada ao fracasso”. Pensando as suas experiências descoladas do contexto histórico-cultural, ela as interpretava predominantemente como uma falha ou “defeito pessoal”. Tais vivências eram dissociadas de dimensões da subjetividade social normativa em relação às questões de discriminação racial e socioeconômica conforme configuradas na sociedade brasileira e nas universidades (PIVA, 2023). Ao situar a sua experiência nos primeiros semestres do curso ela diz: “aqui eu me sinto fora do padrão. Parece que eu não pertença a este mundo”. Faz comparações o seu desempenho acadêmico e, mesmo diante de resultados satisfatórios, ela diz não se sentir merecedora.



Ao ser provocada pela pesquisadora sobre que diferenças eram essas que ela vivenciava, como essas experiências de falta de pertencimento se produziam cotidianamente - “como será que a vida deles se faz diferente da sua?”; “o que você identifica que constrói a diferença sobre o seu modo de se sentir aqui na universidade?” - ela começou a apresentar algumas observações: “no meu curso não tem muitas pessoas como eu.”; “no meu curso tem poucos estudantes negros”; “na minha turma, com tantas pessoas, somos somente 6 negros. E de mulher negra, somente eu e mais uma”. No diálogo com a pesquisadora, Bia vai gerando novas produções subjetivas que a conectam com elementos de sua história de vida. Traz à memória experiências de discriminação e humilhação vividas na escola básica, dirigidas também à sua cor, ao seu cabelo e ao seu corpo.

À medida que o processo dialógico avançou, Bia passou a estabelecer novas relações entre experiências que anteriormente apareciam de forma fragmentada e individualizada em sua narrativa. Os sentimentos recorrentes de inadequação, inferioridade e não pertencimento deixaram de vivenciados como uma insuficiência pessoal, passando a ser compreendidos em articulação com sua história de vida e com processos histórico-culturais mais amplos, relacionados às desigualdades raciais, sociais e de gênero. Essa mudança não ocorreu como tomada de consciência linear ou racionalizada, mas como produção de novos sentidos subjetivos que reorganizaram, parcialmente, a configuração subjetiva de sua autoestima e de sua identidade.

Nessa direção, a experiência de “sentir-se deslocada” na universidade começa a ser significada como produção subjetiva relacionada à subjetividade social universitária, marcada por normatividades racializadas e elitizadas, e não mais como expressão de um “defeito individual”. Contudo, é importante destacar que essas reconfigurações subjetivas não ocorreram de forma linear, estável ou definitiva. Permanecem contradições, inseguranças e momentos de sofrimento relacionados ao medo do fracasso e à sensação de inadequação, mas com menor intensidade e dominância. Na perspectiva de González Rey e Mitjáns Martínez (2017), as configurações subjetivas constituem sistemas dinâmicos e contraditórios, nos quais sentidos subjetivos distintos coexistem tensionando permanentemente as ações e posicionamentos dos indivíduos. Assim, as transformações identificadas no percurso de Bia não representam superação conclusiva do sofrimento subjetivo, mas a emergência de novos recursos subjetivos que ampliam suas possibilidades de ação, reflexão e produção de alternativas diante das experiências vividas, sinalizando o processo de desenvolvimento subjetivo em curso.

Considerações finais

A universidade não é tida apenas como o cenário onde o sofrimento ocorre, mas sim como espaço que participa da produção de sentidos subjetivos que podem tanto intensificar vulnerabilidades e fazer das diferenças, desigualdades; quanto favorecer processos de cuidado e de transformação. Os dispositivos institucionais de apoio psicossocial e políticas de assistência estudantil, quando estruturados de forma participativa e intersetorial, demonstram potencial para produzir vínculos de pertencimento, de reconhecimento e de autonomia. É preciso garantir o acesso da diversidade à universidade, assim como cuidar e assegurar a sua permanência.



Conclui-se que enfrentar o sofrimento subjetivo dos estudantes implica analisar o entrelaçamento da subjetividade social das instituições, com a singularidade de cada percurso, repensando as formas de organização da vida acadêmica e ampliando espaços de diálogo, participação e protagonismo estudantil. A produção de saúde mental na universidade demanda, portanto, transformação institucional, compromisso político com a equidade, com a diversidade e reconhecimento da subjetividade como processo social vivo e dinâmico.

Palavras-chave: saúde mental; interseccionalidade; inclusão; subjetividade; estudante universitário.

Referências

CARVALHO, J. J.; KIDOIALE, M.; CARVALHO, E. N.; COSTA, S. L. Sofrimento psíquico na universidade, psicossociologia e Encontro de Saberes. **Revista Sociedade e Estado**. Vol.35, n.1, p.135-162, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/yxrR4dMvNYmB3SZYTdZCVCQ/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2025.

GONZÁLEZ REY, F. **Personalidade, saúde e modo de vida**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Thomson, 2005.

_____. **Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. e MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

GOULART, D. Saúde mental, práticas profissionais e pesquisas em diferentes contextos. In: TACCA, M. C.; ROSSATO, M.; PUENTES, R. V. (orgs) **Teoria da Subjetividade e Epistemologia Qualitativa: práticas profissionais e pesquisas**. Campinas, São Paulo, Alínea, 2024, p.223-239.

LEÃO, T. M.; IANNI, A. M. Z.; GOTO, C. S. Sofrimento psíquico e a universidade em tempos de crise estrutural. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 17, n. 44, p. 50-64, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2019.45212>. Acesso em: 18 nov. 2025.

MACÊDO, S. Sofrimento psíquico e cuidado com universitários: reflexões e intervenções fenomenológicas. **Ecos – Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, ano 8, v.2, 2018, 265-277. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844>. Acesso em: 18 jan. 2026.

XVII CONGRESSO
NACIONAL DE
PESQUISA EM
EDUCAÇÃO
COPED/2026
09 A 11 DE JUNHO



EDUCAÇÃO E A CONSTRUÇÃO
DE UM NOVO MUNDO:
UTOPIAS HEIBERLIANAS



MADEIRA-COELHO, C. M. O conceito de diálogo na Teoria da Subjetividade e Epistemologia Qualitativa: sobre o que estamos falando? In: MITJÁNS MARTINEZ, A; TACCA, M. C. V. R.; PUENTES, R. V. **Teoria da Subjetividade como perspectiva crítica: desenvolvimento, implicações e desafios atuais**. Campinas: Alínea, 2022, p.153-171.

PIVA, F. P. O adoecimento psíquico na graduação e os marcadores sociais da diferença na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFCLCH-USP). **Etnográfica**, v.27, n.2, p. 529-551, 2023. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/14044>. Acesso em 21 ago. 2025.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, p. 112-147, 2005.